

SOBRE A SÁTIRA 2 DO LIVRO I DE HORÁCIO (INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E ANÁLISE)

FRANCE MURACHCO¹

O cômico é um fenômeno de sociedade e é, por conseqüência, muito ligado à época que o produziu, daí a dificuldade de percebê-lo em textos antigos. Horácio deu forma à sátira latina. Demonstra-se neste texto o que podia, à época, provocar o riso, e se de um lado trata-se de críticas a situações específicas da sociedade romana, de outro lado, são críticas ou brincadeiras que atravessam os tempos sem envelhecer.

Palavras-chave: sátira latina, cômico, adultério, costumes

The comic is a society phenomenon; as a result, it is completely connected to the period of time which produced it, what makes it difficult to be noticed in the ancient texts. Horace gave form to the Latin satire. This paper shows what could provoke laughter, dealing with criticisms of Roman society specific situations which are criticisms and jokes that go on without aging in the course of time.

Key-words: Latin satire, comic, adultery, customs.

1. ALGUMAS INDICAÇÕES BIOGRÁFICAS

Horácio nasceu em 65 a.C., em Venosa, Sul da Itália, numa época conturbada por lutas políticas. Pouco depois de seu nascimento, Cícero, então cônsul, desbaratava a conjuração de Catilina, em 63; em 58, enfrentavam-se os bandos de Clódio e de Molon em Roma; em 50, estourava a guerra civil entre César e Pompeu. Nos idos de março de 44, César era assassinado, o que deu início a mais uma guerra civil entre os exércitos romanos chefiados por Otaviano e Marco Antônio, os quais juntaram-se em seguida a Lépido para formar o segundo triunvirato, que não resistiu a ambição daqueles; recomeça, então, a guerra civil entre Octaviano e Marco Antônio. Octaviano, depois de vencer Marco Antônio em Actium

¹ France Yvonne Murachco é investigadora na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas. (e-mail: fymurach@edu.usp.br)

em 31, apodera-se do governo e, evitando ferir susceptibilidades, instala uma paz duradoura no Império Romano.

Esse é o quadro em que Horácio viveu na sua juventude. Seu pai, um escravo liberto, tinha conseguido comprar uma pequena propriedade nos arredores de Venosa, onde Horácio passou sua primeira infância. Mas a preocupação que seu pai teve com sua formação levou-o para Roma, onde frequentou boas escolas e teve contato com gente de bom nível. Seu pai acompanhou-o, vigiou seus estudos, deu-lhe uma formação moral sólida. Horácio informa nos seus escritos sobre seus primeiros anos e manifesta sua gratidão para com o pai que se dedicou com tanto empenho a dar-lhe meios de melhorar sua condição. Completou seus estudos na Grécia onde conheceu Bruto, depois do assassinato de César, e, engajado na guerra civil, foi feito tribuno no exército republicano. Depois da derrota de Felipe, a anistia outorgada aos vencidos permitiu-lhe voltar a Roma, onde, para sobreviver, compra um cargo de escriba.

Nessa época, já tinha começado a escrever peças satíricas, e “a pobreza audaz me impeliu a fazer verso” diz Horácio, aludindo à modéstia de sua condição e à liberdade que ela lhe proporcionava. Mas rapidamente se fez notar por outros jovens poetas, Virgílio e Vário, que o introduziram no círculo de Mecenas (68-8 a.C.), ministro e amigo de Octaviano, cuja casa recebia tanto homens políticos quanto escritores e artistas. Cioso da sua independência e avesso à vida social, Horácio não aproveita essa apresentação e espera, durante nove meses, o convite de Mecenas cuja amizade, depois, permaneceu fiel durante sua vida toda. Por ela obteve sua casa de campo, perto de Roma, e a amizade que o imperador lhe ofereceu. Mas com um e com outro conserva sua independência, recusa o cargo de secretário que lhe oferece Otaviano e se refugia no campo quando os solicitadores o aborrecem demais, esperando favores da sua proximidade com o poder. Morre no ano 8 a.C., poucos meses depois de Mecenas.

Conhecemos a vida de Horácio essencialmente por seus escritos, como foi dito, nos quais ele mostra uma personalidade amável e cheia de vivacidade, mas independente, sincera e algo mordaz. Interessado pelas correntes filosóficas de seu tempo, Epicurismo e Estoicismo, ele as vê com olhos críticos, não adota nenhuma como sistema, mas aceita de cada uma o que mais lhe convém. Sem ambição pessoal, dedicado a seus amigos, aliando ao gosto pelo refinamento o amor a uma vida simples, mostra-se sensível aos prazeres que a vida pode oferecer, com a condição de que sejam usados com medida.

Nos epodos, Horácio já dera um exemplo da sua visão crítica do mundo, inspirando-se de Arquíloco, mas adaptando o verso grego à língua latina, e a seu próprio temperamento a mordacidade do seu modelo. Outro modelo de Horácio foi Lucílio, que deu à sátira a forma que ele usou, isto é, o aspecto livre e descontraído de uma conversação. De fato, o título dado pelo próprio autor a esses escritos é o de **Sermones**, isto é, conversas, e ele recusa a si mesmo o nome de poeta: “Em primeiro lugar, me eximirei do número daqueles aos quais daria o nome de poetas”. É pois sob o tom da conversação que Horácio vai transmitir as observações que lhe sugerem tanto a própria vida privada quanto a pública, e as descreve de uma maneira jocosa. De fato não há amargura em Horácio, e se seu propósito ora é de fazer rir às custas dos defeitos que ele vê na sociedade que o rodeia, ora é de se defender dos ataques que lhe dirigem, é quase sempre com humor de boa companhia, o qual aliás se aprimora, à medida que frequenta uma sociedade mais refinada. Por mais familiares que sejam esses *sermones*, ele dá à sua forma uma importância essencial. E pode-se dizer que aprimorou o gênero literário ao qual Lucílio deu sua primeira forma.

Todos os assuntos cotidianos são tratados nas **Sátiras**. São os costumes decadentes da Roma do começo do Império, a amizade, a crítica literária – essencialmente dirigida contra seus detratores –, sua concepção da obra literária, sua própria vida com sua infância, a figura de seu pai, seu encontro com Mecenas, os sistemas filosóficos na moda, dos quais debocha. Vemos nelas Horácio viver, agir, pensar e isso descrito com muita naturalidade e domínio excepcional de sua arte.

2. A SÁTIRA

A intenção confessada das **Sátiras** é a de corrigir os costumes descrevendo, ou pondo em cena, os homens no que há de errado no seu comportamento, mas também Horácio quer divertir o leitor, e vamos tentar mostrar como ele consegue um e outro propósito na segunda sátira do Livro I. No entanto o cômico tem sua época, insere-se numa sociedade determinada, e fora do seu contexto, é difícil apreciar o ridículo de uma atitude ou de um acontecimento; pois o riso é social e fora de seu contexto pouca coisa é risível, a não ser que se trate de alguns tipos eternos que continuam a divertir-nos porque seguem infringindo as leis tácitas da sociedade atual.

TEXTO

| | |
|--|---------------------|
| Ambubaiarum collegia, pharmacopolae, mendici, mimae, balatrones, hoc genus omne maestum ac sollicitum est cantoris morte Tigelli. quippe benignus erat. contra hic, ne prodigus esse dicatur metuens, inopi dare nolit amico, | 5 |
| frigus quo duramque famem propellere possit. hunc si perconteris, avi cur atque parentis praeclaram ingrata stringat malus ingluvie rem, omnia conductis coemens obsonia nummis, sordidus atque animi quod parvi nolit haberi, respondet. laudatur ab his, culpatur ab illis. Fufidius vappae famam timet ac nebulonis [dives agris, dives positus in fenore nummis]: quinas hic capiti mercedes exsecat atque quanto perditior quisque est, tanto acrius urget; | 10 15 |
| nomina sectatur modo sumpta veste virili sub patribus duris tironum. 'maxime' quis non 'Iuppiter' exclamat simul atque audivit? 'at in se pro quaestu sumptum facit hic?' vix credere possis, quam sibi non sit amicus, ita ut pater ille, Terenti 2 fabula quem miserum gnato vixisse fugato inducit, non se peius cruciaverit atque hic. siquis nunc quaerat 'quo res haec pertinet?' illuc: dum vitant stulti vitia, in contraria currunt. Maltinus tunicis demissis ambulat, est qui inguen ad obscaenum subductis usque; facetus 25 pastillos Rufillus olet, Gargonius hircum: nil medium est. sunt qui nolint tetigisse nisi illas quarum subsuta talos tegat instita veste, contra alius nullam nisi olenti in fornice stantem. quidam notus homo cum exiret fornice, 'macte virtute esto' inquit sententia dia Catonis; 'nam simul ac venas inflavit taetra libido, huc iuvenes aequom est descendere, non alienas permolere uxores.' 'nolim laudarier' inquit 35 'sic me' mirator cunni Cupiennius albi. audire est operae pretium, procedere recte qui moechis non voltis, ut omni parte laborent utque illis multo corrupta dolore voluptas atque haec rara cadat dura inter saepe pericla. | 0 30 35 40 |

Colégios de flautistas, apoticários,
 mendigos, atrizes, charlatães, esse povo todo
 aflito e inquieto está pela morte de Tigélio o cantor:
 pois era mão aberta. Um, ao contrário, temendo por pródigo
 passar, nada daria ao necessitado amigo 5
 do qual o frio e a fome cruel poderia afastar.
 Outro, se lhe perguntares porque do avô e dos pais,
 os extensos bens consome, o infeliz, pela goela ingrata
 comprando todo tipo de comida com o dinheiro economizado,
 “é que não quer ser tido por avarento e por mesquinho”, 10
 responde. Louvado por esses, censurado por aqueles.
 Fúfido teme a fama de imprestável e de sonhador,
 rico que é em terras, rico em dinheiro emprestado a juros.
 Do capital corta o quinto e
 quanto mais perdido está alguém, tanto mais duro o aperta; 15
 persegue-lhe as dívidas, mal vestida a toga viril.
 assumidas sob os pais severos dos noviços. Quem não exclama,
 ao ouvir isso: “Grande Júpiter, mas com um lucro desses,
 ele esbanja para si.” Este? Mal poderias acreditar
 como é pouco amigo de si mesmo, assim como aquele pai, 20
 que a comédia de Terêncio mostra numa vida miserável
 por seu filho ter fugido
 não se terá mortificado de modo pior que ele.
 Agora, se alguém perguntar: “A que vem isso?” Lá vai:
 Os bobos, enquanto evitam uns vícios, nos contrários caem. 25
 Maltino passeia com as vestes arrastando; há quem
 as usa subidas até a impudica virilha; faceiro,
 a pastilhas cheira Rufilo, Gargônio a bode.
 Não há justa medida. Há quem não queira tocar senão aquelas
 de quem o babado, ao vestido cosido, cubra os calcanhares;
 outro ao contrário nenhuma que não fique num fedorento bordel. 30
 Como saísse do bordel certo homem conhecido, “Louvado
 sejam pela coragem”, diz a divina sentença de Catão,
 pois, logo que a funesta volúpia incha-lhes as veias,
 é justo que aqui desçam os jovens, que não molestem
 as esposas alheias.”
 — “Não quero ser louvado 35
 assim!” diz Cupiênio, o admirador de cona alva.
 Vale a pena ouvir, vós que desejais aos devassos
 não saírem-se bem, que sofram por toda parte,
 e que, estragado por muita dor, seu prazer,
 raro contudo, aconteça sempre no meio de grandes perigos. 40

| | |
|--|----|
| hic se praecipitem tecto dedit, ille flagellis ad mortem caesus, fugiens hic decedit acrem praedonum in turbam, dedit hic pro corpore nummos, hunc perminxerunt calones; quin etiam illud accidit, ut cuidam testis caudamque salacem demeterent ferro. 'iure' omnes: Galba negabat. | 45 |
| tutior at quanto merx est in classe secunda, libertinarum dico: Sallustius in quas non minus insanit quam qui moechatur. at hic si, qua res, qua ratio suaderet quaque modeste munifico esse licet, vellet bonus atque benignus esse, daret quantum satis esset nec sibi damno dedecorique foret. verum hoc se amplectitur uno, hoc amat et laudat: 'matronam nullam ego tango', ut quondam Marsaeus, amator Originis ille, | 50 |
| qui patrium mimae donat fundumque laremque, 'nil fuerit mi' inquit 'cum uxoribus umquam alienis.' verum est cum mimis, est cum meretricibus, unde fama malum gravius quam res trahit. an tibi abunde personam satis est, non illud, quidquid ubique officit, evitare? bonam deperdere famam, rem patris oblimare malum est ubicumque. quid interest in matrona, ancilla peccesne togata? | 55 |
| Villius in Fausta Sullae gener, hoc miser uno nomine deceptus, poenas dedit usque superque quam satis est, pugnans caesus ferroque petitus, exclusus fore, cum Longareus foret intus. huic si muttonis verbis mala tanta videnti diceret haec animus 'quid vis tibi? numquid ego a te magno prognatum deposco consule cunnum velatumque stola, mea cum conferbuit ira?' quid responderet? 'magno patre nata puella est.' at quanto meliora monet pugnantisque istis dives opis natura suae, tu si modo recte dispensare velis ac non fugienda petendis inmiscere. tuo vitio rerumne labores, nil referre putas? quare, ne paeniteat te, desine matronas sectarier, unde laboris plus haurire mali est quam ex re decerpere fructus. nec magis huic, inter niveos viridisque lapillos | 60 |
| | 65 |
| | 70 |
| | 75 |
| | 80 |

Este apareceu caído do telhado; aquele, a chicotadas,
 deixado por morto; fugindo, outro caiu sobre uma turba
 violenta de ladrões; este outro resgatou a pele a dinheiro;
 este, o inundaram de mijo os criados; e até mesmo
 aconteceu que, a um certo, os testículos e a lúbrica cauda
 lhe ceifassem a facadas. Todos: “É justiça.” Menos Galba.
 Quanto mais seguro é o comércio na segunda classe,
 das libertas digo, pelas quais Salústio
 enlouqueceu não menos que se fosse adúltero. Mas se de algum
 modo seu patrimônio, ou seu bom senso, o convencesse, e de
 modo que com moderação
 lhe permita ser liberal, se quisesse ser bondoso e generoso,
 daria quanto for suficiente, e nem dano,
 nem desonra lhe causaria. No entanto, só a isto se agarra,
 isto ama e elogia: “Senhora nenhuma toco eu.”
 Tal Marséu outrora, aquele amante de Orígene,
 que a uma atriz doou a herança, as terras e o lar,
 “Nunca nada terá havido entre mim e as esposas dos outros.” diz ele.
 No entanto é com atrizes, é com meretrizes, de onde
 a fama, mais que o patrimônio, suporta um grave mal. Acaso para ti
 basta absolutamente evitar a pessoa e não aquilo que prejudica
 em tudo e em toda parte. Perder a reputação,
 dissipar o bem da família é ruim seja onde for. Que importa
 se tropeçares com uma senhora ou com uma serva prostituta?
 Vílio, genro de Sila por Fausta, iludido, o coitado.
 só por esse nome, pagou-o caro até e acima
 do quanto basta, ferido a socos e atacado com faca,
 jogado fora, enquanto dentro estava Longareno.
 A ele vendo tamanhos males, se por palavras do pênis
 a alma lhe dissesse isto: “Que queres? Por ventura eu
 te exijo cona de um grande cônsul nascida
 e de estola coberta, quando ferve minha ira?”,
 que responderia? “De um grande pai essa moça nasceu.”
 Quanto melhor e contrariando a isso
 aconselha a natureza rica de sua abundância, se tu apenas
 quiseres portar-te corretamente e não misturar o que se deve fugir
 com o que se deve procurar. Os problemas por teus vícios
 pensas que em nada importam? Por isso, para não te arrepender,
 desiste de perseguir as senhoras, de onde há
 mais dificuldades a engolir que frutos a colher*.
 Nem, para isso, há entre pedrinhas níveas e verdes,

| | |
|---|-----|
| <p> sit licet, hoc, Cerinthe, tuum tenerum est femur aut crus rectius, atque etiam melius persaepe togatae. adde huc, quod mercem sine fucis gestat, aperte quod venale habet ostendit nec, siquid honesti est, iactat habetque palam, quaerit, quo turpia celet, </p> | 85 |
| <p> regibus hic mos est, ubi equos mercantur: oportos inspiciunt, ne si facies, ut saepe, decora molli fulta pede est, emptorem inducat hiantem, quod pulchrae clunes, breve quod caput, ardua cervix. hoc illi recte: ne corporis optima Lyncei </p> | 90 |
| <p> contemplere oculis, Hypsaea caecior illa, quae mala sunt, spectes. 'o crus, o brachia.' verum depugis, nasuta, brevi latere ac pede longo est. matronae praeter faciem nil cernere possis, cetera, ni Catia est, demissa veste tegentis. </p> | 95 |
| <p> si interdicta petes, vallo circumdata—nam te hoc facit insanum—, multae tibi tum officient res, custodes, lectica, ciniflones, parasitae, ad talos stola demissa et circumdata palla, plurima, quae invideant pure adparere tibi rem. </p> | 100 |
| <p> altera, nil obstat: Cois tibi paene videre est ut nudam, ne crure malo, ne sit pede turpi; metiri possis oculo latus. an tibi mavis insidias fieri pretiumque avellier ante quam mercem ostendi? </p> | 105 |
| <p> leporem venator ut alta in nive sectetur, positum sic tangere nolit, cantat et adponit 'meus est amor huic similis; nam transvolat in medio posita et fugientia captat.' hiscine versiculis speras tibi posse dolores </p> | 110 |
| <p> atque aestus curasque gravis e pectore pelli? nonne, cupidinibus statuatur natura modum quem, quid latura sibi, quid sit dolitura negatum, quaerere plus prodest et inane abscindere soldo? num, tibi cum faucis urit sitis, aurea quaeris </p> | 115 |
| <p> pocula? num esuriens fastidis omnia praeter pavonem rhombumque? tument tibi cum inguina, num, si ancilla aut verna est praesto puer, impetus in quem continuo fiat. malis tentigine rumpi? non ego; namque parabilem amo venerem facilemque. illam 'post paulo' 'sed pluris' 'si exierit vir' </p> | 120 |

permita-me, -isto, Cerinto, é para ti- coxa mais tenra ou perna
 mais reta; mas, com freqüência, bem melhor é a cortesã.
 Acrescenta aqui que traz a mercadoria sem pinturas, à vista de todos
 exhibe o que tem para vender, e, se tiver algo digno de elogio,
 não se vangloria nem faz alardes, nem procura esconder o que é feio. 85
 Os reis têm este costume quando compram cavalos: cobertos,
 os examinam, para que uma bela aparência, como é freqüente,
 se é escorada em pernas fracas, não induza o comprador maravilhado,
 seja lindas ancas, seja cabeça pequena, pescoço ereto.
 Estão certos nisto: as belezas de um corpo 90
 não as contemples com os olhos de Linceo, nem, mais cego
 que aquela Hipséia,
 olhes para o que é ruim. -“Que pernas, que braços!” Na verdade
 ela é nariguda, de bunda chata, de tronco curto e de pés grandes.
 Da senhora, além do rosto, nada podes discernir,
 o resto, se não é Cátia, ela o cobre pela roupa comprida. 95
 Se procurares o proibido, o circundado por baluartes, – pois
 é isso que te deixa louco –, erguer-se-ão muitos obstáculos,
 guardas, liteira, cabeleireiros, parasitas,
 o vestido caído até o pé, envolto pelo manto,
 muitas coisas que não deixam o objeto te aparecer ao natural. 100
 A outra, nada obsta: pelos tecidos de Cós quase é possível vê-la
 como nua, e que não tem nem a perna feia, nem o pé torto;
 poderias medir de olho seu talhe. Ou preferes cair
 numa armadilha e pagar o preço antes
 de a mercadoria ser mostrada?
 “Como o caçador que na espessa 105
 neve persegue a lebre, e servida na mesa nem quer tocar.”
 canta , e acrescenta: “Meu amor é semelhante a isso: pois
 ao que lhe é posto na frente escapa, e ao que está fugindo caça”.
 Por acaso é com esses versinhos que esperas poder tirar do teu peito
 dores, perturbações e graves cuidados? 110
 Acaso, que aos desejos a natureza estabeleça uma medida que
 – o que lhe trará?, o que, negado, a fará sofrer? –
 é mais proveitoso procurar e separar do certo o fútil.
 Acaso quando a sede te queima a garganta,
 procuras copos de ouro? 115
 E quando estás com fome, desprezas tudo a não ser
 pavão e rodovalho? E quando se incha tua virilha, por acaso, se
 uma criada ou um moço, cria de casa, está a mão, sobre quem arrojarte
 possas no ato, preferes estourar de tesão?
 Eu não: gosto de amor cômodo e fácil.
 E aquela “Daqui a pouco”, “Mas vale mais”, “Se meu marido sair” 120

Gallis, hanc Philodemus ait sibi, quae neque magno
 stet pretio neque cunctetur cum est iussa venire.
 candida rectaque sit, munda hactenus, ut neque longa
 nec magis alba velit quam dat natura videri.
 haec ubi supposuit dextro corpus mihi laevom,
 Iliæ et Egeria est; do nomen quodlibet illi.
 nec vereor, ne, dum futuo, vir rure recurrat,
 ianua frangatur, latret canis, undique magno
 pulsa domus strepitu resonet, vepallida lecto
 desiliat mulier, miseram se conscia clamet,
 cruribus haec metuat, doti deprensa, egomet mi.
 discincta tunica fugiendum est et pede nudo,
 ne nummi pereant aut puga aut denique fama.
 depreudi miserum est: Fabio vel iudice vincam.

125

130

para os Galos, diz Filodemo, e, para si mesmo, esta que nem ponha
o preço lá encima, nem demore quando a mandam vir.
Seja ela certinha e clara, asseada o suficiente, que nem mais alta
nem mais branca queira parecer do que lhe dá a natureza.
Esta, quando a esquerda de seu corpo aproximou da direita do meu, 125
é Ília e Egéria; dou o nome que bem quiser a ela,
e não receio que, enquanto trepo, o marido regresse do campo,
a porta seja quebrada, o cão lata, por toda parte a casa,
sacudida por um grande estrondo, ressoe, que, perdida a cor,
a mulher pule da cama, a confidente grite “coitada de mim!”, 130
essa temendo por suas pernas, a surpreendida por seu dote, e eu por mim!
É preciso fugir de túnica desatada e descalço,
para que não pereça o dinheiro, ou o traseiro, ou enfim a reputação.
É duro ser pego com a mão na botija: com Fábio, isto é, meu juiz, vencerei.

A sátira começa com a evocação do submundo que chora a morte do cantor Tigélio, por causa de sua generosidade. Esta generosidade leva imediatamente Horácio a lembrar a diferença de atitude dos seres humanos diante do mesmo problema, isto é o julgamento público sobre seu modo de gastar os bens: uns, muito avarentos para não serem chamados de pródigos, outros, gastadores sem juízo para não serem chamados de avarentos. Mas Fufídio é, ao mesmo tempo, avarento e agiota sem piedade e abusa das circunstâncias que fazem que o filho de uma família acomodada não gozava dos bens da família enquanto vivia o pai, único depositário da fortuna, de quem dependia inteiramente para seus gastos.

Então, em resposta a um interlocutor imaginário, Horácio mostra quanto os homens carecem de medida e dá vários exemplos. Detém-se particularmente sobre os excessos que as necessidades sexuais provocam. O adultério expõe a graves perigos. A solução seria as mulheres libertas, as cortesãs, mas, assim mesmo, conservando a justa medida nos dons que podem ser feitos a uma amante dessa “extirpe”. Pois a dilapidação da fortuna estraga a reputação tanto quanto o adultério. Ser amante de uma senhora da sociedade pode satisfazer a vaidade, mas as necessidades físicas são muito mais fáceis de satisfazer. Ele faz um paralelo entre os prazeres que se pode obter da conquista de uma matrona, correndo o risco de ser enganado sobre a mercadoria e de não poder usá-la com o sossego desejável, e os que se obtém da fruição de uma cortesã, a qual se revela tal como ela é, e não tem marido que possa atrapalhar o encontro.

Em primeiro lugar, Horácio esboça cenas de comédia. Começa sugerindo (v.1-4) um enterro com toda sua pompa, acompanhado das lágrimas normalmente derramadas devido à afeição que liga os parentes e amigos ao morto. Mas quem chora Tigélio? São personagens do submundo de Roma, mulheres de má fama e parasitas de toda categoria. A ênfase do tom contrasta com a qualidade do cortejo e ainda mais com o motivo do pesar: Tigélio gastava sem contar com esse pessoal, e não é o amigo que está sendo chorado, mas o provedor de vida fácil.

Desenha em seguida (v.4-11) duas cenas diametralmente opostas, o que é sublinhado pelo paralelismo das duas descrições em que opõe quem teme a fama de pródigo a quem teme a fama de avarento. São os dois lados de uma mesma moeda, pois o que une esses dois personagens é a mesma preocupação, pelo menos aparente, com a opinião da

sociedade. No entanto, o primeiro recusa a um amigo necessitado até o indispensável, isto é, poupa-lhe o frio e a fome, e o outro se empanturra de comida gastando o que gerações reuniram.

Mais incisiva é a cena que mostra Fufídio (v.12-22), valendo-se da necessidade em que estão seus credores, para acumular as riquezas² e que persegue impiedosamente os jovens excessivamente controlados pelos pais. No entanto, ele se submete a uma miséria tal, que lembra, na comédia de Terêncio, o pai que se desespera por ter levado o próprio filho a fugir³.

Cena de comédia bastante tradicional, é a fuga dos adúlteros surpresos no local de seus crimes (v.41-46); e o que nos diverte, é que figuram o ladrão roubado, o tiro saindo pela culatra. Habilmente Horácio nos coloca do lado da moral contra o enganador (...vós que não desejais aos devassos acontecimentos felizes..) e mostra os fugitivos em situações cada vez mais humilhantes, desde a queda de um telhado até as sevícias sofridas por parte de serviçais, e, enfim, como desgraça suprema, a castração. Mas nem este último castigo nos parece realmente trágico, pois Horácio, jogando com a acumulação de situações semelhantes, apresentadas num ritmo rápido e repetitivo, nos dá a ilusão de um jogo de marionetes, o que impede que o acontecido ganhe uma conotação dramática.

No verso 64, Horácio volta a sugerir cenas de comédia, que tratam o mesmo tema do amante castigado. Desta vez, a pessoa implicada é nomeada, e trata-se de personagens da história recente de Roma: trata-se de Vílio, que sofreu por ser amante de Fausta. Os castigos sofridos repetem os dos adúlteros e o ligam às cenas anteriormente descritas, e, já que rimos das primeiras, vamos também rir dessa, pois como Bergson diz, "...o estado de espírito em que nos põe uma cena cômica nos faz aceitar a outra"⁴. Acrescenta-se outro elemento cômico, que é o fato de o amante ter sido substituído imediatamente por outro, como o mostra jocosamente Horácio no verso 67, (jogado fora enquanto dentro estava Longareno) opondo a palavra *exclusus* que começa o verso e a palavra *intus* que o termina; não podemos deixar de recordar

² VILLENEUVE F. **Horace Satires**. p. 41 nota 1: O juro fixado por Senatus-consulto de 51 aC era de 1% ao mês; Fufídio cobra 5%.

³ TERÊNCIO. **Heautontimeroumenos**: Menedemo, pai de Crítias, provocou a partida do filho para o exército na Ásia opondo-se a seus amores e condena-se a si próprio a trabalhar como um escravo até seu filho voltar. in Le Rire, Ed.PUF, Paris, 1994

⁴ in **Le Rire** Paris: PUF, 1994

a “comédia de portas”⁵, parecida com o jogo de molas que tanto diverte as crianças, no esforço permanentemente contrariado do diabo que se empurra numa caixa da qual ele volta a surgir. E o que vem a seguir, tira toda seriedade do acontecimento: o membro viril dá uma lição de comportamento e de modéstia ao coitado do Vílio, o que lembra aquelas cenas de farsa, em que falos enormes teimam em arrastar atrás de si seus donos, como dotados de vontade própria, na perseguição de mulheres que fogem apavoradas, inversão de situação sempre risível.

Enfim, Horácio termina com a descrição eminentemente divertida da volta inesperada do marido da adúltera (v.127-133). Depois de todas as dificuldades que se opõem ao encontro, das inúmeras barreiras que protegem a mulher (v.94-99), das “coqueterias” pelas quais ela valoriza seus favores (v.120), quando o amante pensa conseguir o que almeja, tudo fracassa. Um incidente em si normal, a volta do marido, que acontece no momento mais impróprio, provoca uma série de incidentes em cadeia, uma espécie de efeito dominó: primeiro, os barulhos reveladores – porta que bate, cachorro que late –; depois, o apavoramento descontrolado dos atores – a mulher que pula da cama, a empregada que grita –, cada um temendo o castigo que lhe corresponde. E essa agitação descontrolada culmina na fuga ingloria do culpado, numa vestimenta ridícula e reveladora, (túnica desatada e sem sapato), enquanto se arrisca a perder coisas importantes, isto é, num crescendo, seu dinheiro, sua integridade física, sua fama.

Estas situações ridículas decorrem dos vícios dos homens. Horácio preconiza uma moral, a de conservar a justa medida em todas as ações. Todo excesso é criticável, já que ele expressa uma falta de bom senso, uma apreciação errada das circunstâncias. Pois, se os homens se colocam em situações ridículas é por que, de algum modo, seu comportamento não é conforme nem com a natureza, nem com o que a sociedade espera deles. A preocupação com a fama leva os protagonistas das primeiras cenas (v.4-11) a excessos contrários: o primeiro é, na realidade, impelido por sua avareza, e o segundo, por sua gula, sendo o cuidado com a reputação um mero pretexto para esconder, até de si mesmo, o verdadeiro motivo de suas ações. Fúfido, sob esse mesmo pretexto, apesar de rico, aproveita a falta de recursos de suas vítimas, homens necessitados ou jovens incautos, para enriquecer mais ainda;

⁵ Expressão de teatro: comédia em que os personagens se desencontram, num jogo de esconde-esconde que aproveita a multiplicidade de portas do cenário.

no entanto, priva-se de tudo e, em vez de tirar proveito de sua riqueza, transforma-a num mal, para os outros e para si mesmo.

Mas, não é só no que se relaciona ao dinheiro que os homens demonstram sua falta de juízo. Horácio vai desenhar, em alguns traços rápidos, a caricatura de alguns personagens, provavelmente conhecidos à sua época, que, de alguma forma, ofendem os costumes da sociedade em que vivem. Enfoca então as anomalias com os cuidados pessoais (v.25-27). A roupa, enquanto normalmente usada, é uma segunda pele consagrada pelo uso social, mas qualquer exagero a designa como disfarce, como deixar a túnica arrastar com desleixo, ou, ao contrário, suspendê-la até onde o pudor não permitiria. E o exagero na higiene – Rufilo se perfuma demais –, ou na falta dela – Gorgonio fede – é de toda forma repreensível.

A caricatura atinge o indivíduo numa característica que o coloca fora da norma e aumenta esta característica isolando-a dentro do contexto. J. P. Cèbe nota que “[O caricaturista] só guarda as imperfeições que isola e em torno das quais ele faz o vazío”⁶. Assim um grupo também pode virar objeto de caricatura. E Horácio vai usar o mesmo recurso que usou nos versos precedentes: aumento de uma característica até lhe dar um valor único que parece definir a personalidade, ou, pelo menos, qualificar permanentemente os atos dentro de um tipo determinado de circunstâncias. Aqui também ele vai mostrar os homens na satisfação de sua sexualidade num jogo de oposições (v.28-36). É a preferência exclusiva que leva uns, a procurar só as mulheres casadas, outros, só as prostitutas, o que os torna risíveis.

Respeitar rigorosamente o bem alheio, isto, é as esposas dos outros (v.45-63), mas enlouquecer por cortesãs, é outra forma de insensatez, pois, como aconteceu no começo da sátira, para evitar um mal se cai noutra igualmente grave: a dilapidação da fortuna e do patrimônio em favor de uma mulher. De fato, não se pode esquecer da importância da riqueza em Roma pois era em função da sua fortuna que o cidadão romano podia conseguir consideração, honras e cargos na sociedade, e quem herdava tinha o dever de transmitir pelo menos a mesma riqueza que tinha recebido por herança. Horácio aponta dois homens Salústio e Marseu que desperdiçaram seus bens com as amantes, mulheres libertas, na certa, o que não impediu que a fama deles

⁶ CÈBE, J.P. **La caricature et la parodie dans le monde romain antique des origines a Juvénal.** p. 9.

tenha saído bastante arranhada por essa loucura, contraria a todas as regras da sociedade romana. Contudo, o interesse descabido para com as mulheres casadas não só contradiz as leis e, o que é pior, as regras da sociedade, mas também denota algum vício de caráter. Não é a vaidade que leva Vílio a ser amante da filha de um homem ilustre? E esta vaidade, vício social por excelência, vindo do desejo de ser admirado, é impiedosamente castigado pela sociedade quando é descoberto, porque ele visa mais a parecer do que a ser, isto é, se engana sobre o que é verdadeiramente admirável. Nesse caso possuir a filha de um cônsul agrada à vaidade de Vílio, mas Horácio a opõe a uma realidade muito mais prosaica, bem física, a satisfação do desejo sexual, que não pede tanto.

Essa oposição entre os anseios da alma e os do corpo que Bergson designa como sendo um provocador do riso, quando a materialidade das necessidades biológicas se impõem às ilusões sentimentais, é expressa por Horácio de um modo bastante cru, com o suposto protesto que o sexo masculino emitiria, se falasse. O corpo, nas suas manifestações menos elevadas, toma a dianteira sobre as considerações de nobreza (um grande cônsul), de elegância (da estola⁷ cobertas), de relações sociais (v.68-71). Acrescenta-se a isto a paródia de sentimento, de cunho algo épico, pela qual o sexo explica uma simples ereção: (quando ferve minha ira).

O interesse exagerado pela coisa mais difícil é outro responsável pela procura indevida da mulher casada, de boa casta, que mais parece uma cidadela inexpugnável, (circundada por baluarte). É a dificuldade que aumenta o encanto (v.96): (Se procuras o proibido). Horácio descreve, primeiro, todas as barreiras, pessoas e objetos, que a defendem e a dissimulam aos olhos interessados, para depois mostrar a insanidade do resultado. Pois o que interessa não é a satisfação de um desejo natural, mas a perseguição de um sonho vão, ilusão que se assemelha ao caçador quando se submete a mil dificuldades para conseguir uma lebre, que não quereria nem tocar se a tivesse na mesa (v.105-108). Quantos pesares, no entanto, devem ser esperados dessa porfia! E não são alguns versinhos – isto é, a expressão de sua ilusão – que vão fazer alguma diferença (v.109-110)! A inadequação do meio (versinhos) ao fim (livrar teu coração de amargos cuidados) sublinha o ridículo da situação.

⁷ A *stola* é o vestido usado pelas mulheres casadas de boa condição social: vinha coberta por um manto, a *palla*, que as envovia da cabeça aos pés.

Que se trate do excesso de refinamento, da ambição, da vaidade, ou do anseio pelo fruto proibido, tudo isso é ilusão e contrário à natureza, portanto ridículo, pois na sua sabedoria a natureza cuida de satisfazer às necessidades básicas do corpo. Procurar outra coisa é desprezeitar a harmonia natural, é um erro de apreciação, é confundir valores; e isso é castigado pelo riso. A sede e a fome são satisfeitas por água e comida, e a apresentação em taça de ouro ou a preciosidade das iguarias são acréscimos fúteis (v.114-115). Do mesmo modo, o que pode satisfazer aos desejos sexuais não precisa ser nem refinado, nem único, nem mesmo de um sexo determinado: (se uma criada ou um moço, cria de casa, está à mão) (v.117). E o amor? O amor é uma ilusão, um desvio do espírito em relação às necessidades naturais, as quais são imperiosas e exigem uma satisfação imediata, e sem histórias: (quando se incha tua virilha... preferes estourar de tesão?) (v.116-118); todas as demoras que são contrárias à satisfação do desejo só servem para os Galos⁸, sacerdotes de Cibele, que eram eunucos (v.121).

A mulher é idealizada pelo amor? Pois bem, Horácio encarrega-se de arrancar ao amante todas as ilusões! A mulher é, de fato, objeto, seja ela senhora, prostituta ou liberta. E, durante toda a sátira, ele a caracteriza como coisa. A primeira alusão a mostra quase como estátua (v.28-30). A mulher casada se define pelo comprimento de seu vestido: (de quem o babado, ao vestido cosido, cubra os calcanhares); a prostituta fica parada dentro do bordel que desclassifica chamando-o de fedorento. Mas o que interessa nas duas é o *cunnus* (v 36), isto é, propriamente o sexo feminino, cuja única diferença nas senhoras de boa família é a cor, pois é “alvo”, metonímia para designar a roupa que o cobre, sendo que esta cor nem sequer lhe pertence! E é isto que suscita a admiração de Cupiênio!

A mulher reduzida a uma coisa, – e que coisa! –, justamente aquela que o pudor manda esconder! Temos um duplo elemento de cômico, pois, de um lado, a admiração dedicada à mulher se dirige, de fato, a algo tão baixo e tão vulgar que só pode torná-la grotesca e mostrar a ausência eminente de bom senso em quem lhe dedica tanta admiração; de outro lado, a figura da mulher é reduzida a um objeto meramente funcional, “algo” portador de um buraco. Daí o passo se-

⁸ Os Galos eram eunucos, e Filodemo de Gadara, contemporâneo de Horácio, epicurista, filósofo, retor e poeta escreveu um epigrama, perdido, onde alude ao fato que eles não têm urgência de praticar o ato amoroso.

guinte, que faz da mulher uma simples mercadoria (v.47): (quanto mais segura é a mercadoria...). Essa assimilação a um objeto que se pode obter pagando, isto é a uma mercadoria, de qualquer qualidade que seja a mulher, a rebaixa, a ridiculariza, e junto com ela o homem que lhe dá uma importância indevida. Horácio vai desenvolver esse tema a partir do verso 80. É a beleza que atrai? Os enfeites preciosos, pedras verdes ou cor de neve não melhoram a perfeição do corpo da mulher de boa casta, sem contar que ela se esforça para dissimular suas imperfeições. A cortesã leva vantagem em tudo, pois não dissimula nada (v.83): é uma (mercadoria sem pinturas). Vai estabelecer-se uma comparação entre as duas, em relação à qualidade e à confiabilidade da mercadoria oferecida.

Tudo que é dito das cortesãs pode ser atribuído às senhoras, só que ao contrário. Essas usam artifícios de pintura, não revelam claramente o que (ela tem para vender) (v. 84), escondem o que têm de torpe e gabam-se de suas vantagens físicas, quando possuem alguma. Daí a comparação com os cavalos, que são examinados cobertos para que o comprador não seja seduzido e enganado por algum traço harmonioso mas secundário (v.88), (lindas ancas, cabeça pequena, pescoço ereto), enquanto o que importa mesmo é a firmeza dos pés. É fácil transferir à mulher cada um dos atributos apontados no cavalo, e é idêntico ao do comprador iludido o engano que leva o amante a deixar-se seduzir por uma parte do corpo feminino, o braço, a perna, mas o deixa cego em relação às outras imperfeições das quais Horácio sugere a caricatura tanto pelo exagero quanto pela oposição: ausência de traseiro mas abundância de nariz, tronco curto mas pé cumprido (v.93).

Tudo isso está cuidadosamente escondido por barreiras vestimentares que acrescentam em cima do vestido, da estola da senhora, que desce até o calcanhar, um manto que a envolve inteirinha (v.99). Essa vestimenta que protege a matrona das investidas, e a transforma numa fortaleza inexpugnável, é uma exigência da sociedade e não se conformar a essa exigência é também uma anomalia, que torna ridículo quem não se submete; portanto, a alusão a Cátia (v.95), que mostra muito mais que seu rosto, a qualifica como devassa e a isola da categoria social à qual pertence. Mas o homem que pretende conquistar essa fortaleza, não só, como o vimos, se expõe a perigos inúteis, como se arrisca a conseguir outra coisa que o que ele almeja; ou será que o que ele quer mesmo é cair numa armadilha e pagar às cegas o preço de uma mercadoria que ele nem sequer chegou a avaliar? Situação absurda do incauto, indiferente ao que tem mesmo importância, subjugado por paixões ou ilusões desatinadas.

A mulher não é um objeto, como um copo, um cavalo? Porque se submeter a tantas dificuldades quando é tão fácil satisfazer à natureza? Para si, Horácio quer uma mulher que não cause problema: (eu gosto de amor cômodo e fácil) (v.119), pois como um objeto ela é intercambiável e no momento da cópula pode ser-lhe dado o nome que se quer (v.125-126). Como para um belo animal, o que se pode exigir além da facilidade e de um preço conveniente, é uma beleza que deva mais à natureza que aos artificios. Tanto na evocação das cenas e na pintura dos caracteres quanto na avaliação das relações que se pode ter com as mulheres, Horácio deixa claro que as ações dos homens, suas atitudes, seus sentimentos são muitas vezes inadequados às exigências da natureza, ofendem a moral e os costumes da sociedade, e por isso mesmo se tornam absurdos.

O tom usado por Horácio sublinha ainda mais essa inversão de valores. É com solenidade que é descrito o cortejo acompanhando Tigélio à sua última morada, mas é gentilha que desfila nos versos de ritmo empolado. Esse tom de paródia vem a ser freqüente na sátira. Mais adiante Horácio altera versos de Ênio⁹, dirigidos aos que desejam o sucesso de Roma: *Audire est operae pretium, procedere recte / qui rem romanam Latiumque augescere uoltis* (Vale a pena ouvir, vós que desejais que se saia bem o estado romano, e que aumente o Lácio), e os dirige, com uma pequena correção, aos que não desejam o sucesso dos adúlteros, transformando-os em: *Audirest operae pretium, procedere recte / qui moechis non uoltis* (Vale a pena ouvir, vós que não desejais aos devassos saírem-se bem) (v.36-37).

Depois usa um epigrama de Calímaco¹⁰, do qual resume a cena descrita, isto é, o caçador que sofre mil males para alcançar uma lebre que ele desprezaria se a tivesse à mão, e traduz, quase literalmente, os últimos versos (v.107-108): *Meus est amor huic similis; nam / transuolat in medio posita et fugienta captat* (Meu amor a isso é semelhante; pois escapa ao que lhe é posto na frente e o que está fugindo caça). Só que a conclusão à qual chega é outra: a peça de Calímaco evoca o amor ideal, enquanto Horácio confronta com uma situação muito concreta esses versinhos que são belas palavras de um inepto sonhador, totalmente despropositadas numa realidade prosaica, onde o caçador se expõe a perigos totalmente desprovidos de poesia.

⁹ ÊNIO. **Annales XVI, 477** (Müller) poeta latino 239-169 a C. Os Anais são poemas épicos que contam a história de Roma

¹⁰ CALÍMACO. **Epigrama 102 livro XII**, em Anthologie Palatine Vol. XI, p. 37.

A paródia atinge também o suposto discurso de Catão ao moço que sai do prostíbulo (v.31-35). De fato, ele alia a um tom cheio de majestade umas expressões de nível perfeitamente vulgar: o vocabulário usado, *permolere uxores* [literalmente, moer as esposas], o tema tratado, a frequência do bordel, não condizem com a ênfase de *macte / virtute esto* (seja louvado pela coragem), de *-taetra libido-*, o (tétrico desejo) que lembra outros poéticos epítetos atribuídos ao desejo, o *-sententia dia Catonis-* (a divina sentença de Catão) O disparate é aumentado pelo fato que nenhuma destas duas linguagens concorda com o estilo de Catão que se supõe estar falando¹¹. Ele evita completar esse falso elogio pela reprovação que o completava e que certamente era conhecida de todos.¹²

O tom de sua exposição é o mais variado possível, vai do mais enfático ao mais vulgar. Ora, como acabamos de ver, usa os textos de outros autores inseridos num contexto de intenção às vezes oposta, ora imita o estilo bem coloquial da conversação familiar (v.23): (se alguém perguntar: ‘a que vem isso’, lá vai) ou (v.81) (permita-me – isto, Cerinto é para ti–). Mas usa também os recursos da arte oratória. Quando enumera nos versos 37 a 40 os trabalhos aos quais vão ter que submeter-se os adúlteros, isto é, fadigas por toda parte, prazer estragado e raro, duros perigos, ele o faz com uma inegável ênfase. Encontramo-la também no crescendo com o qual expressa a falta de juízo de Salústio (v.50-51): *qua res, qua ratio suaderet, quaque modeste / munifico esse licet* (Mas se/ de algum modo seu patrimônio, ou seu bom senso o convencesse, e de modo que com moderação/ lhe permita ser liberal) a repetição do *qua* sublinha o quanto está perdendo não só o patrimônio como a razão, querendo ser generoso, e a acumulação de adjetivos de sentido muito próximo: *munificus, bonus, benignus* deixa mais solene a oposição no mesmo período com a expressão da idéia contrária: *nec sibi damno / dedecorique foret*, (e nem dano, nem desonra lhe causaria).

O trecho moralizante que vai do verso 72 ao 76, tão bem ritmado tanto no balanço das idéias quanto no próprio desenvolver do verso, não parece fazer parte de um discurso exortativo? Refere-se constantemente a um interlocutor imaginário ao qual se dirige e que solicita por meio de perguntas meramente retóricas, já que a resposta é de uma

¹¹ CÈBE, J.P. Op. Cit. p. 295

¹² *adulescens, ego te laudavi tanquam buc interdum uenires, non tanquam bic habitares.* (moço, eu te elogiei desde que aqui viesses de vez em quando, não desde que aqui morasses.)

absoluta obviedade. – Queres isso? Pensas aquilo? Desejas tal situação?. Dado o assunto tratado, dada a pouca idade do autor, que naquela época mal tinha uns 25 anos, e se expressa com toda a ênfase de um nobre orador, dada a contradição do tom com o tema tratado, fica evidente a intenção de Horácio de fazer uma paródia da arte oratória, que era tão apreciada em Roma.

A sátira de Horácio se estende também às instituições públicas, levemente, de passagem. Por exemplo, a alusão feita à repartição dos cidadãos romanos em diversas classes o leva a classificar as mulheres também em classes (v.47): (quanto mais segura é o comércio na segunda classe, das libertas, digo), que deixa supor que na primeira estão as senhoras e na terceira as prostitutas. Os costumes judiciais também são evocados de relance no verso 46, onde, depois de ter falado da castração à qual se expõe o adúltero, o autor sugere, em quatro palavras, toda uma disputa jurídica entre os juristas que aprovam o suplício e Galba que o desaprova, mas cuja indulgência pode ter motivos não confessáveis, o que seria uma malícia suplementar.

Não podemos deixar de admirar a habilidade com que Horácio mantém o interesse do leitor ou do ouvinte durante toda a sátira. Ora o suposto interlocutor emite uma opinião, errada, que o poeta se apressa em corrigir (v.17-22), ou faz uma pergunta sobre as intenções do autor (v.23), que vai dar outra direção ao assunto: trata-se do uso dos bens. Esse tema nos leva a examinar outro ângulo do comportamento dos homens, o que se refere às suas relações com as mulheres, o que não foge do primeiro assunto tratado, já que elas são um motivo de ruína e de abalo da reputação; ora o suposto interlocutor é interrogado, mas a pergunta é mera retórica e não se espera nenhuma resposta.

Outra forma de manter o interesse é o efeito de surpresa. Horácio usa esse recurso, por exemplo no verso 10 no qual, depois de estender-se na descrição das atitudes opostas de dois indivíduos, ele sugere em poucas palavras discussões infinitas entre dois grupos que teriam opiniões contrárias a respeito do perdulário: (louvado por esses, censurado por aqueles), ou no verso 46 que já vimos: (E todos: “é justo”. Menos Galba). E termina pela alusão maliciosa e brevíssima ao estóico Fábio que não poderia negar que é um mal ser pego em flagrante, até para um sábio – pois o sábio não sofre nenhum mal, segundo os estóicos –, e que até no tribunal desse Horácio não poderia deixar de ter razão.

Enfim, ao mesmo tempo que Horácio descreve tipos ridículos por seus excessos, tendo traçado o quadro em que eles vão se encaixar, coloca no mesmo pessoas conhecidas por esses mesmos defeitos. São

eles Fufídio, o agiota avarento, Maltino o relaxado, Rufílio o excessivamente perfumado, Gorgônio o fedorento, Salústio o pouco controlado amante de mulheres dispendiosas. E não hesita em aludir às aventuras relativamente recentes, – deviam datar de uns quinze anos atrás –, de pessoas muito conhecidas por sua posição social: Vílio, Longareno que brigavam pelos favores de Fausta, devassa filha de Sila, outrora grande cônsul. E, de passagem, arranha Cíntia que não se veste decentemente. Outros não são designados pelo nome, mas podemos supor que a imaginação do público supria essa ausência pois deviam ser pessoas conhecidas das quais os mesmos defeitos suscitavam críticas. Esses ataques, essas caricaturas criaram inimigos ao nosso autor, uma vez que ninguém está a salvo de apresentar algum ridículo. Em diversas oportunidades, ele se defendeu das acusações de maldade que lhe foram dirigidas. “Maldoso? Não, diz ele, mas minha educação me ensinou a observar as ações dos homens, para aprender com eles o certo e o errado, evitar o errado e imitar o certo.” As sátiras vão tratar de todos os assuntos, moral, filosofia, literatura, nesse mesmo tom jocoso que o vimos usar nesta segunda sátira do primeiro livro.

No decorrer do tempo, a vida tendo-o favorecido com a preciosa amizade de Mecenas, os círculos que freqüenta levam-no a refinar os temas tratados e a evitar certa vulgaridade. Sua arte se aprimora ainda mais, passando de uma sátira próxima do deboche e da farsa a uma ironia mais refinada. E Horácio levou ao ponto mais alto de perfeição esse gênero, a sátira, do qual Quintiliano pôde dizer que ele era inteiramente latino.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- HORACE. **Sermones** and **Epodes** by Konrad SCHROEDER from F. Vollmer, Q. Horati Flacci Carmina, Leipzig: Teubner, 1912.
- PLESSIS, F. et LEJAY, P. **Oeuvres d'Horace Texte latin**. Paris: Librairie Hachette 1912.
- VILLENEUVE, François. **Horace. Satires**. Paris: Les Belles Lettres, 1932.
- TERENCE. **Comédies**. Tome II, Texte établi et traduit par E. CHAMBRY, Paris: Librairie Garnier frères.
- Anthologie Palatine**. Tome XI, (livre XII), Texte établi et traduit par AUBRETON Robert, Paris: Les Belles Lettres, 1994.
- BERGSON, H. **Le Rire**. Paris: Edition Presses Universitaires de France, 1940.
- CEBE J.-P. **La Caricature et la Parodie dans le monde romain antique des origines à Juvenal**. Bibliothèque des Ecoles Françaises d'Athènes et de Rome Editions E. De Boccard.